

A criação da Força Expedicionária Brasileira

Giovanni Latfalla ^a

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar os bastidores da criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial, baseada em pesquisas realizadas no Arquivo Histórico do Exército, e na leitura de obras relacionadas ao tema. O processo de negociação militar com os EUA, iniciado em 1939, não previa o emprego de unidades brasileiras fora do continente e, somente após o ataque de submarinos do Eixo aos nossos navios, é que tal hipótese, e por sugestão norte-americana, passou a ser cogitada.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira, negociação militar, Segunda Guerra Mundial.

INTRODUÇÃO

Em agosto de 1942, após os ataques de submarinos do Eixo a navios brasileiros com a morte de centenas de pessoas inocentes, e uma imensa comoção nacional, o governo brasileiro declarou guerra à Alemanha e a Itália. As tratativas entre o Brasil e os Estados Unidos, para uma participação

mais ativa do nosso país ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, já duravam um bom tempo, mas, a possibilidade de que o governo brasileiro pudesse enviar um contingente militar para atuar fora do continente, ainda não havia sido posta na mesa de negociação, e não estava prevista nos acordos assinados entre as duas nações.

^a Tenente-coronel do Quadro Complementar de Oficiais do Exército, doutor em Ciência Política. Associado Emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



Inicialmente, a entrada do Brasil na guerra fez com que esta possibilidade começasse a ser levada em consideração no segundo semestre de 1942, como uma sugestão de autoridades civis e militares ligadas ao governo norte-americano¹. Depois, o próprio presidente Getúlio Vargas, a partir de um discurso proferido para as Forças Armadas do Brasil, no dia 31 de dezembro de 1942, passou a defender o envio de uma força expedicionária para lutar contra o Eixo².

O interessante é que até o dia de Natal de 1942, Vargas em reunião com o Ministro da Guerra, o general Dutra, disse ser contrário ao envio de tropas brasileiras para o front³. A partir do início de 1943, o Exército teve que tomar diversas medidas para preparar um contingente para ser enviado para a frente de batalha.

AS PRIMEIRAS MEDIDAS TOMADAS E A CRIAÇÃO DA 1ª D.I.E.

Após o citado discurso, no início de janeiro de 1943, o ministro da Guerra enviou uma longa exposição de motivos ao presidente Vargas, apresentando considerações de ordem estratégica quanto à situação defensiva brasileira frente a ameaças externas e internas, e também a preparação da população para o esforço de guerra a ser dispendido. Outra também entrou em detalhes sobre a formação do corpo expedicionário:

A organização de uma força expedicionária que vá para fora do País combater contra as forças do Eixo deve ser encarada dentro dos moldes organizações similares e com todos os apetrechos modernos. Terá no mínimo o poder combativo de um exército, composto de dois corpos de exército, dos quais um moto-



rizado, e mais uma divisão blindada⁴.

Um dos grandes problemas para a formação do corpo expedicionário brasileiro era quanto ao fornecimento de material bélico moderno, que deveria ser fornecido pelos EUA, algo que era negociado há muitos anos, e que gerou uma constante tensão nas negociações entre as duas nações durante o período⁵.

Inacreditavelmente, a exposição feita pelo general Dutra, só foi respondida pelo presidente Vargas no dia 15 de março, o que demonstra a lentidão governamental para a tomada de decisões, com o Brasil já em guerra contra o Eixo.

Em 30 de janeiro de 1943, através da Nota nº 37-6, ao Estado-Maior do Exército, foram apresentadas as diretrizes para a formação das Forças Expedicionárias Brasilei-

ras, que deveriam ser formadas por 6 Divisões, sendo 4 de Infantaria, 1 Divisão motorizada e uma blindada, que ficaria muito longe do que realmente foi formado e enviado para o front europeu⁶.

A primeira reunião entre militares brasileiros e norte-americanos a respeito do aparelhamento da futura FEB, ocorreu no dia 14 de maio. Nesta reunião foi apresentado um plano em que o Brasil enviaria um Corpo de Exército, com três divisões de Infantaria, e elementos orgânicos: Engenharia, Artilharia, Transmissões e Saúde. O governo norte-americano forneceria o material para equipar as unidades brasileiras, e oficiais do Brasil fariam estágios nos EUA⁷.

Na documentação pesquisada verificou-se que a proposta inicial brasileira previa o envio de seis Divisões, sendo



quatro de Infantaria, uma de Infantaria Motorizada e uma Motomecanizada, não foi aceita pelas autoridades dos EUA, que a julgaram forte, e apresentaram as justificativas para tal decisão. Ficou então decidido conforme o descrito no parágrafo anterior⁸.

Fig. 1 – O comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes



Fonte: DPHCEX

As outras reuniões ocorridas posteriormente, também

não dissiparam as dúvidas das autoridades militares brasileiras. A questão do fornecimento do material bélico norte-americano ao Brasil acarretaria situações desagradáveis na chegada do 1º escalão da FEB na Itália, em julho de 1944⁹.

Finalmente, em agosto de 1943, de maneira oficial, a Força Expedicionária foi criada:

O Ministro da Guerra, que vinha cumulativamente exercendo suas funções com as de organizador da Força Expedicionária, assistido pelo seu Chefe de Estado-Maior, General Arnor Teixeira, em Portaria Ministerial, assinada a 9 de agosto de 1943, sob o nº 47-44, estabelece as primeiras normas gerais de estruturação da 1ª D.I.E (Divisão de Infantaria Expedicionária, com aproveitamento de unidades militares existentes e a criação de outras¹⁰.

Nesta mesma data de 9 de agosto, o ministro da Guerra



convidou o general Mascarenhas de Moraes para comandar a tropa brasileira.

DEPOIMENTO DO MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES

Comandava eu a 2ª Região Militar, em São Paulo, quando em certa reunião festiva, na residência do major R-2 Reinaldo Ramos Saldanha da Gama, professor da Universidade de São Paulo, este inopinadamente me solicitou participar da primeira tropa expedicionária, que para a Europa se deslocaria sob meu comando.

Respondi-lhe não poder contrair compromissos sobre assunto que eu ignorava e que, por certo, não me atingiria, dada a relevância da missão.

Além disso, acrescentei, a minha idade – 60 anos – constituía fator negativo para empresa de tal envergadura.

Confesso que me chocou de veras o gesto intempestivo do nobre camarada, exaltado talvez por notícias levianas.

Passados cerca de dois meses, durante os quais ninguém

mais me falara sobre esse assunto, recebo em minha residência, na capital paulista, a 10 de agosto de 1943, o seguinte radiograma cifrado, do general Dutra:

25/HI – Urgente – 9 – VIII – 1943 – Cifrado general Mascarenhas São Paulo.

Consulta prezado camarada se aceita comando de uma das divisões que constituirão o Corpo Expedicionário pt. Impõe-se resposta urgente porque caso afirmativo fará estágio Estados Unidos pt.

(a) General Eurico Dutra – Ministro da Guerra.

Ali mesmo, em meu gabinete de trabalho, redigi com o oficial do meu Estado-Maior, major Silva Júnior, a resposta que pela simplicidade, deveria ter escandalizado o próprio ministro. Ei-la:

General Dutra – Rio – Urgentíssimo – de São Paulo – 20 – 40 – 10 – VIII – 1943 – 17,15.

345 – Muito honrado e com satisfação respondo afirmativamente consulta Vossa Excelência acaba de fazer-me vg em rádio 25/HI.

(a) General Mascarenhas de Moraes – comandante da 2ª RM¹¹.



O general Mascarenhas relatou que teve o apoio de sua esposa após aceitar o convite, e que alguns dias depois, recebeu um telefonema do general Dutra que afirmou que o presidente Vargas o havia escolhido, entre outros generais, para comandar a tropa brasileira¹². O presidente da República havia, realmente, mudado de postura, pois, no dia 10 de dezembro de 1942, em uma reunião com o general Dutra, Getúlio mostrou-se contrariado com a postura dos generais Mascarenhas de Moraes e Amaro Bittencourt, porque os dois apoiavam o envio de tropas brasileiras para atuar fora do continente, e determinou que os mesmos fossem mais discretos em suas opiniões. A ordem foi cumprida pelo Ministro da Guerra¹³.

Em suas memórias, Mascarenhas de Moraes também

relatou que aproveitou a visita que Dutra fez aos EUA, em agosto de 1943, para fazer uma delicada cirurgia, em um hospital particular e de maneira sigilosa. Acompanhado apenas da esposa, a cirurgia foi exitosa (ele não falou que tipo de cirurgia havia feito). Uma demonstração da firme determinação do general em comandar a tropa expedicionária brasileira¹⁴.

Quanto a escolha do comandante da tropa brasileira, em depoimento prestado no final dos anos de 1970, o marechal Cordeiro de Farias, um dos generais que integraram a FEB, deu a seguinte resposta:

E a escolha do general Mascarenhas, como se processou?

Normalmente. Os generais de divisão foram convidados por ordem de antiguidade e hierarquia. Alguns recusaram, dizendo que não se sentiam com capacidade física para



enfrentar a guerra. Não sei bem as desculpas que apresentaram. Quando o convite chegou ao Mascarenhas, em telegrama cifrado, ele estava comandando São Paulo. E respondeu com outro telegrama, claro, urgentíssimo, no mesmo dia, dizendo que aceitava¹⁵.

O coronel Lima Brayner também escreveu sobre o processo de escolha do futuro comandante da tropa brasileira:

Essa consulta, quase humilde, já havia sido endereçada a outros generais que, por motivos pessoais, a rejeitaram. E nada sofreram, não sendo sequer anotado nos seus assentamentos militares. No entanto, o Gen. Mascarenhas de Moraes, talvez fosse o único que poderia alegar imperiosas razões para não se afastar do Brasil naquele momento, respondeu com dignidade, no dia imediato, 10 de agosto de 1943: Muito honrado, e com satisfação, respondo afirmativamente consulta V.Excia. acaba de fazer-me¹⁶.

No mês de outubro de 1943, o general Dutra esteve visitando os Estados Unidos, e nos contatos com autoridades daquele país, ficou acertado que a Força Expedicionária seria constituída pela 1^a, 2^a e 3^a Divisões de Infantaria, compondo um Corpo de Exército, no total de 100 mil homens. O deslocamento para o front, deveria em princípio, ocorrer nos meses de junho e julho de 1944¹⁷.

Em 23 de novembro de 1943, foi formada oficialmente a FEB. Ela era constituída, inicialmente, com três Divisões de Infantaria, e elementos orgânicos do Corpo de Exército, inclusive Aviação e Órgãos de Comando e Serviços¹⁸.

A partir da criação da 1^a D.I.E, foram tomadas muitas medidas para preparar a tropa brasileira para participar da guerra. Nosso Exército baseado na “escola francesa”, teria



que se adaptar, com a doutrina norte-americana. O tempo era exíguo. Mascarenhas de Moraes relatou todos os problemas que teve que procurar resolver até o embarque para o front¹⁹.

O Brasil esteve muito longe de poder enviar as planejadas 3 Divisões de Infantaria. Mesmo pouco antes do embarque, o general Dutra ainda sonhava com tal possibilidade. Em uma carta enviada ao general Góes Monteiro, em abril de 1944, ele escreveu sobre a previsão de embarque da FEB e também sobre o efetivo que seria formado para um posterior envio para o front. Ele também disse que a FEB seria formada por três grandes unidades.

A 1ª D.I.E está, por bem dizer, pronta em condições de embarcar a partir de maio próximo vindouro. Ativaremos em seguida a D.I.E do Nordeste que, a pouco e pouco, já se

vem aprestando. A 3ª D.I.E., como sabes, sairá da 5ª RM²⁰.

Faltando poucos meses para o embarque da FEB, Dutra ainda acreditava em enviar para o front, além da 1ª D.I.E, outras duas divisões de infantaria, sendo uma formada por unidades do Nordeste, que seria a 2ª D.I.E., e a 3ª D.I.E, com unidades de Santa Catarina e do Paraná. A realidade seria muito diferente daquilo que havia sido planejado pelo Brasil.

02 JUL 1944: O EMBARQUE PARA A GUERRA

O primeiro escalão da FEB, que seria transportado para a Itália no dia 02 de julho de 1944, era comandado pelo general Zenóbio da Costa. Em princípio, o general Mascarenhas não estaria nele, mas



acabou embarcando quase em cima da hora, após convencer o Ministro da Guerra²¹.

A tropa brasileira tinha a seguinte formação:

- Escalão Avançado do Quartel General da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária;

- Estado Maior da Infantaria Divisionária (ID) da 1ª DIE;

- 6º Regimento de Infantaria (RI);

- 4ª Cia. e 1º Pelotão de Morteiro do 11º RI;

- II/1º Regimento de Obuses Auto Rebocados (ROAuR);

- 1ª Cia. do 9º Batalhão de Engenharia (BE);

- 1/3 das Seções de Suprimento e de Manutenção do 9º BE;

- 1º Pelotão do Esquadrão de Reconhecimento;

- Seção de Exploração e elementos da Seção de Comando da 1ª Cia. de Transmissões;

- 1ª Cia. de Evacuação, o Pelotão Tratamento e elementos da Seção de Comando, todos do 1º Batalhão de Saúde;

- Cia. de Manutenção;

- Pelotão de Polícia Militar;

- Um pelotão de viaturas,

- Uma Seção do Pelotão de Serviços e elementos da Seção de Comando da 1ª Cia. de Intendência;

- Elementos da FEB anexos à 1ª DIE: o Correio Regulador, o Depósito de Intendência, a Pagadoria Fixa, correspondentes de guerra, elementos do Hospital Primário, Banda de Música Divisionária e Serviço de Justiça e Banco do Brasil²².

- Um efetivo total de 5075 homens, com 304 oficiais, que embarcaram no navio norte-americano *General Mann*, e que atracaria em Nápoles, Itália, no dia 16 de julho.



Fig. 2 - Visita do presidente Getúlio Vargas por ocasião do embarque do 1º escalão da FEB. Rio de Janeiro, 02 de julho de 1944.



Fonte: DPHCEX

Infelizmente, o 1º escalão da FEB passou por difíceis situações em sua chegada à Itália, que geraram muitas insatisfações em seu Comando, e que poderiam ter sido evitadas pelos governos do Brasil e dos Estados Unidos. Na verdade a tropa brasileira era aguardada para receber

mais treinamento e equipamento no norte da África, e de última hora resolveu-se enviá-la para a Itália²³.

Mais quatro escalões seriam enviados para a Itália, num total de 25.834 homens, que honrariam o nome do Brasil na Segunda Guerra Mundial.



Fig. 3 - O general Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, é recebido por oficiais norte-americanos em Nápoles, Itália..



Fonte: DPHCEX

CONCLUSÃO

A criação e envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB), foi o resultado de um longo e lento processo de negociação militar envolvendo o Brasil e os Estados Unidos, iniciado em 1939, antes mesmo do começo da Segunda Guerra Mundial.

Inicialmente, não havia a previsão para o envio de tropas brasileiras para lutar fora do continente americano. A partir de propostas apresentadas por algumas autoridades civis e militares dos EUA, a partir da declaração de guerra ao Eixo pelo governo brasileiro. O presidente Vargas foi contra esta possibilidade até o



final de 1942, quando resolveu aceitar este desafio.

A formação da FEB teve início após várias reuniões entre autoridades dos dois países, que na verdade, não deixaram de mostrar as dificuldades para um entendimento, desde o efetivo a ser empregado, passando também pela sensível questão do fornecimento do equipamento a ser disponibilizado pelos EUA. A dependência do Brasil quanto a este último quesito era quase que total.

O general Mascarenhas de Moraes, convidado pelo governo brasileiro para comandar a FEB, não titubeou em aceitar a missão. Em suas obras ele relatou as imensas dificuldades que teve para montar a então 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, e transformá-la, já na Itália, após situações desagradáveis, em uma eficiente unidade

combatente que muito contribuiu para o esforço de guerra Aliado no front italiano.

FONTESA PRIMÁRIAS, ARQUIVOS:

AHEx - Arquivo Histórico do Exército.

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas.

NARA – *National Archives and Records Administration* – Maryland – Estados Unidos da América

BIBLIOGRAFIA

BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walder. *Diálogo com Cordeiro de Farias: meio século de com-*



bate. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

CAMINHA, Luiz Ernani. *O dia a dia da FEB na 2ª Guerra Mundial*. Porto Alegre: Renascença, 2015.

LATFALLA, Giovanni. *Relações Militares Brasil-EUA 1939-1943*. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.

LATFALLA, Giovanni. *Segunda Guerra Mundial: para o emprego de tropas do Brasil*. Juiz de Fora: Editar, 2022.

LATFALLA, Giovanni. *FEB, Missões e Observadores Militares*. Juiz de Fora: Editar, 2023.

LEITE, Mauro Renault; JÚNIOR, Novelli. *Marechal Eurico Gaspar Dutra: o dever da verdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

McCANN Jr., Frank D. *Aliança Brasil Estados Unidos 1937-1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

MORAES, João Baptista Mascarenhas. *Memórias*. Rio de

Janeiro: Biblioteca do Exército, 2014.

MORAES, João Baptista Mascarenhas. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.





NOTAS

¹ LATFALLA, Giovanni. *Segunda Guerra Mundial*: para o emprego de tropas do Brasil. Juiz de Fora: Editar, 2022, p. 172-173, 182, 188, 213.

² McCANN Jr., Frank D. *Aliança Brasil Estados Unidos 1937-1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985, p. 274.

³ Arquivo Eurico Dutra – Vida Pública. CPDOC. Ed vp 1940.11.01. p. 49-50. Notas sobre a organização da FEB. Rio de Janeiro, 24/12/1942.

⁴ LEITE, Mauro Renault; JÚNIOR, Novelli. *Marechal Eurico Gaspar Dutra*: o dever da verdade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 579.

⁵ LATFALLA, Giovanni. *Relações Militares Brasil-EUA 1939-1943*. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.

⁶ LEITE; JÚNIOR, op. cit., p. 585.

⁷ Sumário dos Assuntos Tratados e Decisões Firmadas. Secreto. *1ª Reunião*. Rio de Janeiro, 14/05/1943. Arquivo Histórico do Exército (AHEx). Documentos da Guerra 1943/1945.

⁸ Força Expedicionária Brasileira. *1ª Reunião*. Rio de Janeiro, 14/05/1943. Arquivo Histórico do Exército (AHEx). Documentos da Guerra 1943/1945.

⁹ BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro: Editora

Civilização Brasileira, 1968, p. 117-123.

¹⁰ LEITE; JÚNIOR, op. cit., p. 592.

¹¹ MORAES, João Baptista Mascarenhas. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2014, p. 158-159.

¹² *Ibid.*, p. 159.

¹³ LEITE; JÚNIOR, op. cit., p. 553-554.

¹⁴ MORAES, 2014, op. cit., p. 159.

¹⁵ CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walder. *Diálogo com Cordeiro de Farias: meio século de combate*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001, p. 300.

¹⁶ BRAYNER, op. cit., p. 117-123.

¹⁷ LEITE; JÚNIOR, op. cit., p. 615.

¹⁸ CAMINHA, Luiz Ernani. *O dia a dia da FEB na 2ª Guerra Mundial*. Porto Alegre: Renascença, 2015, p. 29.

¹⁹ MORAES, 2005, p. 27-35.

²⁰ Arquivo Eurico Dutra – Vida Pública. CPDOC. Ed vp 1940.11.01. p.55-56. Carta ao general Góes Monteiro. Rio de Janeiro, 03/04/1944.

²¹ MORAES, 2014, op. cit., p. 171.

²² MORAES, João Baptista Mascarenhas. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005, p. 25-37.

²³ LATFALLA, Giovanni. *FEB, Missões e Observadores Militares*. Juiz de Fora: Editar, 2023, p.148-175.